

O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO DA LITERATURA*

I¹

A literatura e a política, estas² duas faces bem distintas da sociedade civilizada, cingiram como uma dupla púrpura de glória e de martírio os vultos luminosos da nossa história de ontem. A política elevando as cabeças eminentes da literatura, e a poesia santificando com suas inspirações atrevidas as vítimas das agitações revolucionárias, é³ a manifestação eloquente de uma raça heroica que lutava contra a indiferença da época, sob o peso das medidas despóticas de um governo absoluto e bárbaro. O ostracismo e o cadafalso não os intimidavam, a eles, verdadeiros apóstolos do pensamento e da liberdade; a eles, novos Cristos da regeneração de um povo, cuja missão era a união do desinteresse, do patriotismo e das virtudes humanitárias.

Era uma empresa difícil a que eles tinham então em vista. A sociedade contemporânea era bem mesquinha para bradar – avante! – àqueles missionários da inteligência e sustentá-los nas suas mais santas aspirações. Parece que o terror de uma época colonial inoculava nas fibras íntimas do povo o desânimo e a indiferença.

A poesia de então tinha um caráter essencialmente europeu. Gonzaga, um dos mais líricos poetas da língua portuguesa, pintava cenas da Arcádia, na frase de Garrett, em vez de dar uma cor local às suas líras, em vez de dar-lhes um cunho puramente nacional.⁴ Daqui uma grande perda: a literatura escravizava-se, em vez de criar um estilo seu, de modo a poder mais tarde influir no equilíbrio literário da América.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: MAR (n. 941, p. 1-2, 9 abr. 1858 – partes I e II; e n. 945, p. 1-2, 23 abr. 1858 – parte III), OCA2008 (v. 4, p. 1002-1006) e MASA (p. 61-68). Texto-base: MAR. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda.

¹ Em MAR, esta primeira parte do texto não traz numeração; as outras duas trazem.

² estas] essas – em OCA2008.

³ é] são – MASA. Em MASA, nessa passagem, há a seguinte nota: “‘É’, no original.” Entendemos tratar-se de silepse: o autor fez a concordância do verbo com a totalidade da ideia – o que é relevante para a expressão da união entre literatura e política.

⁴ Ver GARRETT, 1826, t. I, p. XLVI.

Todos os mais eram assim: as aberrações eram raras. Era evidente que a influência poderosa da literatura portuguesa sobre a nossa,⁵ só podia ser prejudicada e sacudida por uma revolução intelectual.

Para contrabalançar, porém, esse facto⁶ cujos resultados podiam ser funestos, como uma valiosa exceção apareceu o *Uruguai*⁷ de Basílio da Gama. Sem trilhar a senda seguida pelos outros, Gama escreveu um poema, se não puramente nacional, ao menos nada europeu. Não era nacional⁸ porque era indígena, e a poesia indígena, bárbara, a poesia do *boré* e do *tupã*, não é a poesia nacional. O que temos nós com essa raça, com esses primitivos habitantes do país, se os seus costumes não são a face característica da nossa sociedade?

Basílio da Gama era entretanto um verdadeiro talento⁹ inspirado pelas ardências vaporosas do céu tropical. A sua poesia suave, natural, tocante por vezes, elevada, mas elevada sem ser bombástica, agrada e impressiona o espírito. Foi pena que¹⁰ em vez de escrever um poema de tão acanhadas proporções, não empregasse o seu talento em um trabalho de mais larga esfera. Os grandes poemas são tão raros entre nós!

As odes de José Bonifácio são magníficas. As belezas da forma, a concisão e a força da frase, a elevação do estilo, tudo aí encanta e arrebatava. Algumas delas são superiores às de *Filinto*.¹¹ José Bonifácio foi a reunião dos dous¹² grandes princípios, pelos quais sacrificava-se aquela geração: a literatura e a política. Seria mais poeta se fosse menos político; mas não seria talvez tão conhecido das classes inferiores. Perguntai ao trabalhador que cava a terra com a enxada, quem era José Bonifácio:¹³ ele vos falará dele com o entusiasmo de um coração patriota. A *ode* não chega ao tugúrio

⁵ nossa,] nossa – em OCA2008.

⁶ facto] fato – em OCA2008 e em MASA.

⁷ *Uruguai*] *Uraguai* – em MASA. Durante algum tempo o poema de Basílio da Gama foi referido na imprensa com o título de “O Uruguai”: a *Marmota Fluminense* e *A Marmota*, periódicos de Paula Brito, anunciavam o volume publicado em 1855 (com o título *O Uruguai*) pela editora Dous de Dezembro, de propriedade do mesmo Paula Brito, como “O Uruguai”. Houve até edições com o título trocado para *O Uruguai*, como as de 1895 (precedida por um estudo crítico de Francisco Pacheco), a de 1900 (com anotações de J. Artur Montenegro), e a de 1920? (nas *Obras poéticas* de Basílio da Gama, organizadas inicialmente por Joaquim Norberto de Sousa Silva, com a organização concluída e a publicação por José Verissimo). A edição da tradução inglesa do poema, por Richard Burton (1821-1890), publicada em 1983, com o fac-símile da primeira edição (1769), traz o título *The Uruguay* (Cf. TEIXEIRA, 1996, p. 123-168). O uso era mesmo bastante generalizado, conforme se vê nos seguintes exemplos: na biografia de Basílio da Gama publicada no primeiro volume da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, em 1839; no índice (mas não na página em que aparecem trechos do poema) do *Parnaso brasileiro* (t. I, 1843), de João Manuel Pereira da Silva; na *História da literatura brasileira* (v. I, 1888), de Silvio Romero; no *Dicionário bibliográfico brasileiro* (v. IV, 1898), de Sacramento Blake.

⁸ nacional] nacional, – em OCA2008.

⁹ talento] talento, – em OCA2008.

¹⁰ que] que, – em OCA2008.

¹¹ *Filinto*.] Filinto. – em OCA2008 e em MASA. Filinto Elísio: pseudônimo árcade de Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819).

¹² dous] dois – em OCA2008 e em MASA.

¹³ Bonifácio:] Bonifácio; – em OCA2008.

do lavrador. A razão é clara: faltam-lhe os conhecimentos, a educação necessária para compreendê-la.

Os Andradas foram a trindade simbólica da inteligência, do patriotismo, e da liberdade.¹⁴ A natureza não produz muitos homens como aqueles. Interessados vivamente pela regeneração da pátria, plantaram dinastia¹⁵ bragantina no trono imperial, convictos de que o herói do Ipiranga convinha mais que ninguém a um povo altamente liberal e assim legaram à geração atual as douradas tradições de uma geração fecunda de prodígios, e animada por uma santa inspiração.

Sousa Caldas, S. Carlos¹⁶ e outros muitos,¹⁷ foram também astros luminosos daquele firmamento literário. A poesia, a forma mais conveniente e perfeitamente acomodada às expansões espontâneas de um país novo, cuja natureza só conhece uma estação, a primavera, teve naqueles homens, verdadeiros missionários que honraram a pátria e provam as nossas¹⁸ riquezas intelectuais ao crítico mais investigador e exigente.

II

Uma revolução literária e política fazia-se necessária. O país não podia continuar a viver debaixo daquela dupla escravidão que o podia aniquilar.

A aurora de 7 de Setembro de 1822,¹⁹ foi a aurora de uma nova era. O grito do Ipiranga foi o – *Eureka* – soltado²⁰ pelos lábios daqueles que verdadeiramente se interessavam pela sorte do Brasil, cuja felicidade e bem-estar procuravam.

O país emancipou-se. A Europa contemplou de longe esta regeneração política, esta transição súbita da servidão para a liberdade, operada pela vontade de um príncipe e de meia dúzia de homens eminentemente patriotas. Foi uma honrosa conquista que nos deve encher de glória e de orgulho; e é mais que tudo uma eloquente resposta às interrogações pedantescas de meia dúzia de cépticos²¹ da época: *o que somos nós?*

Havia, digamos de passagem, no procedimento do fundador do império²² um sacrifício heroico, admirável, e pasmoso. Dous²³ tronos se erguiam diante dele: um, cheio de tradições e de glórias; o outro, apenas saído das mãos do povo, não tinha passado, e fortificava-se só com uma esperança no futuro! Escolher o primeiro,²⁴ era um

¹⁴ Eram três os Andradas (irmãos): José Bonifácio de Andrada e Silva, o patriarca (1763-1838); Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva (1773-1845); e Martim Francisco Ribeiro de Andrada e Silva (1775-1844).

¹⁵ dinastia] a dinastia – em OCA2008 e em MASA.

¹⁶ S. Carlos] S Carlos – em MAR.

¹⁷ muitos,] muitos – em OCA2008 e em MASA.

¹⁸ as nossas] os nossas – em MAR.

¹⁹ Setembro de 1822,] setembro de 1822 – em OCA2008 e em MASA.

²⁰ foi o – *Eureka* – soltado] foi o *Eureka* soltado – em OCA2008; foi o – *Eureka* – solto – em MASA.

²¹ cépticos] cétricos – em OCA2008 e em MASA.

²² império] Império – em OCA2008.

²³ Dous] Dois – em OCA2008 e em MASA.

²⁴ primeiro,] primeiro – em MASA.

duplo dever, como patriota e como príncipe. Aquela cabeça inteligente devia dar o seu quinhão de glória ao trono de D. Manuel e de D. João II.²⁵ Pois bem! ele escolheu o segundo, com o qual nada ganhava, e ao qual ia dar muito. Há poucos sacrifícios como este.²⁶

Mas após o *Fiat*²⁷ político, devia vir o²⁸ *Fiat* literário, a emancipação do mundo intelectual, vacilante sob a ação influente de uma literatura ultramarina. Mas como? é²⁹ mais fácil regenerar uma nação, que uma literatura. Para esta não há gritos de Ipiranga; as modificações operam-se vagarosamente; e não se chega em um só momento a um resultado.

Além disso, as erupções revolucionárias agitavam as entranhas do país; o facho das dissensões civis ardia em corações inflamados pelas paixões políticas. O povo tinha-se fraccionado³⁰ e ia derramando pelas próprias veias a força e a vida. Cumpria fazer cessar essas lutas fratricidas para dar lugar às lutas da inteligência, onde a emulação é o primeiro elemento e cujo resultado imediato são os louros,³¹ fecundos da glória e os aplausos entusiásticos de uma posteridade agradecida.

A sociedade atual não é decerto compassiva, não acolhe o talento como deve fazê-lo. Compreendam-nos! nós não somos inimigo encarniado do progresso material. Chateaubriand o disse: “Quando se aperfeiçoar o vapor, quando³² unido ao telégrafo tiver feito desaparecer as distâncias, não hão de ser só as mercadorias que hão de viajar de um lado a outro do globo, com a rapidez do relâmpago; hão de ser também as ideias.”³³ Este pensamento daquele restaurador do cristianismo – é justamente o nosso: – nem é³⁴ o desenvolvimento material que acusamos e atacamos. O que nós queremos, o que querem todas as vocações, todos os talentos da atualidade literária, é que a sociedade não se lance exclusivamente na realização desse progresso material, magnífico pretexto de especulação, para certos espíritos positivos que se alentam no fluxo e refluxo das operações monetárias. O predomínio exclusivo dessa realeza parva, legitimidade fundada numa letra de câmbio, é fatal, bem fatal às inteligências; o talento

²⁵ D. Manuel e D. João II.] dom Manuel e dom João II. – em OCA2008.

²⁶ este.] esse. – em OCA2008.

²⁷ *Fiat*] *fiat* – em OCA2008 (nesta e na ocorrência seguinte, logo adiante).

²⁸ o] a – em MAR.

²⁹ é] É – em OCA2008.

³⁰ fraccionado] fracionado – em OCA2008 e em MASA.

³¹ louros,] louros – em MASA.

³² quando] quado – em MAR.

³³ ideias.”] ideias”. – em OCA2008 e em MASA. “Le développement matériel de la société, accroitra le développement des esprits. Lorsque la vapeur sera perfectionnée, lorsque, unie au télégraphe et aux chemins de fer, elle aura fait disparaître les distances, ce ne seront pas seulement les marchandises qui voyageront d’un bout du globe à l’autre avec la rapidité de l’éclair, mais encore les idées.” (CHATEAUBRIAND, 1836, t. I, p. 385)

³⁴ cristianismo – é justamente o nosso: – nem é] cristianismo – é justamente o nosso – nem é (com os travessões, sem os dois-pontos) – em OCA2008.

pede e tem também direito aos olhares piedosos da sociedade moderna: negar-lhos³⁵ é matar-lhe todas as aspirações, é nulificar-lhe todos os esforços aplicados na realização das ideias mais generosas, dos princípios mais salutares, e dos gérmenes mais fecundos do progresso e da civilização.

III

É, sem dúvida, por este³⁶ doloroso indiferentismo que a geração atual tem de encontrar numerosas dificuldades na sua peregrinação; contrariedades que, sem abater de todo as tendências literárias, todavia podem fatigá-las reduzindo-as a um marasmo apático, sintoma doloroso de uma decadência prematura.

No estado atual das cousas,³⁷ a literatura não pode ser perfeitamente um culto, um dogma intelectual, e o literato não pode aspirar a uma existência³⁸ independente, mas sim tornar-se um homem social, participando dos movimentos da sociedade em que vive e de que depende.

Esta verdade, excepto³⁹ no jornalismo, verifica-se em qualquer outra forma literária. Ora, será possível que assim tenhamos uma literatura convenientemente desenvolvida? respondemos⁴⁰ pela negativa.

Tratemos das três formas literárias essenciais: – o romance, o drama e a poesia.⁴¹

Ninguém que for imparcial afirmará a existência das duas primeiras entre nós; pelo menos, a existência animada, a existência que vive, a existência que se desenvolve fecunda e progressiva. Raros, bem raros, se têm⁴² dado ao estudo de uma forma tão importante como o romance; apesar mesmo da convivência⁴³ perniciosa com os romances franceses, que discute, aplaude e endeusa a nossa mocidade, tão pouco escrupulosa de ferir as susceptibilidades⁴⁴ nacionais.

Podíamos aqui assinalar os nomes desses poucos que se têm⁴⁵ entregado a um estudo tão importante, mas isso não entra na ordem deste trabalho, pequeno exame genérico das nossas letras. Em um trabalho de mais largas dimensões que vamos

³⁵ negar-lhos] negar-lhes – em MASA.

³⁶ este] esse – em OCA2008.

³⁷ cousas,] coisas, – em OCA2008 e em MASA.

³⁸ aspirar a uma existência] aspirar existência – em OCA2008.

³⁹ excepto] exceto – em OCA2008 e em MASA.

⁴⁰ respondemos] Respondemos – em MASA.

⁴¹ essenciais: – o romance, o drama e a poesia.] essenciais: o romance, o drama e a poesia – em OCA2008. Embora o autor prometa tratar das “três formas literárias”, nos parágrafos seguintes tratou apenas do romance e do drama. Parece que, no início do parágrafo seguinte, ele se desobriga de abordar a questão da poesia.

⁴² têm] tem – em MAR. O “Epítome da gramática portuguesa”, de Antônio de Moraes Silva (1813, p. XXXIX), dá “tem” como uma das formas do plural da terceira pessoa do presente do indicativo do verbo “ter”.

⁴³ convivência] conveniência – em MAR. Poderia ser, também, “conivência”.

⁴⁴ susceptibilidades] suscetibilidades – em MASA.

⁴⁵ poucos que se têm] poncos que se tem – em MAR. Ver nota 42.

empreender analisaremos minuciosamente esses vultos de muita importância decerto para a nossa recente literatura.⁴⁶

Passando ao drama, ao teatro, é palpável que a esse respeito somos o povo mais parvo e pobretão entre as nações cultas. Dizer que temos teatro, é negar um facto;⁴⁷ dizer que não o temos, é publicar uma vergonha. E todavia assim é. Não somos severos: os factos⁴⁸ falam bem alto. O nosso teatro é um mito, uma quimera. E nem se diga que queremos que em tão verdes anos nos ergamos à altura da França, a capital da civilização moderna, não! Basta que nos modelemos por aquela renascente literatura que floresce em Portugal, inda ontem estremecendo ao impulso das erupções revolucionárias.⁴⁹

Para que estas traduções enervando a nossa cena dramática? Para que esta inundação de peças francesas, sem o mérito da localidade e cheias de equívocos, sensaborões às vezes, e galicismos, a fazer recuar o mais denodado *francelho*?⁵⁰

É evidente que é isto a cabeça de Medusa, que enche de terror as tendências indecisas, e mesmo as resolutas. Mais de uma tentativa terá decerto abortado em face desta verdade pungente, deste facto⁵¹ doloroso.

Mas a quem atribuí-lo? Ao povo? O triunfo que obtiveram as comédias do *Pena*, e do Sr. *Macedo*,⁵² prova o contrário.⁵³ O povo não é avaro em aplaudir e animar as vocações; saber agradá-lo,⁵⁴ é o essencial.

É fora de dúvida, pois, que a não existir no povo a causa desse mal, não pode existir senão nas direções e empresas. Digam o que quiserem, as direções influem neste caso. As tentativas dramáticas naufragam diante deste *czariato* de bastidores, imoral e vergonhoso, pois que tende a obstruir os progressos da arte. A tradução é o elemento dominante, nesse caos que devia ser a arca santa onde a arte pelos lábios dos seus

⁴⁶ Embora tenha prometido um “trabalho de mais largas dimensões” sobre o romance, o autor não o escreveu; analisou, sim, nos anos seguintes, diversos romances de diversos autores em seus artigos de crítica literária e em crônicas.

⁴⁷ facto;] fato; – em OCA2008 e em MASA.

⁴⁸ factos] fatos – em OCA2008 e em MASA.

⁴⁹ Alusão à história conturbada de Portugal, na primeira metade do século XIX, e a Almeida Garrett, que, em 1836, foi encarregado de fundar e organizar um teatro nacional português. É desse autor a primeira peça teatral romântica portuguesa, *Um auto de Gil Vicente* (1838). É também dele a obra-prima do teatro romântico português, *Frei Luís de Sousa*, publicada em 1844. (Cf. ABDALA JÚNIOR; PASCHOALIN, 1985, p. 78-86)

⁵⁰ Machado de Assis, ele próprio, não só traduziu peças francesas, mas publicou, em *A Marmota*, em 1860, “Hoje avental, amanhã luva”, imitação de *Chasse au lion*, de Gustave Vattier e Émile de Najac. Machado não revelou seu modelo; Jean-Michel Massa foi quem descobriu o original. (Cf. PINTO, 2020, p. 35-37; e MASSA, 1965, p. 502)

⁵¹ deste facto] desse fato – em OCA2008; deste fato – em MASA.

⁵² do *Pena*, e do Sr. *Macedo*,] do *Pena*, e do sr. *Macedo*, – em OCA2008; do *Pena*, e do Sr. *Macedo*, – em MASA.

⁵³ Quando este texto foi escrito e publicado, Luís Carlos Martins Pena (Rio de Janeiro, 1815 – Lisboa, 1848) já havia morrido; de Joaquim Manuel de Macedo (Itaboraí, RJ, 1820 – Rio de Janeiro, 1882) havia sido levada ao palco a peça *O cego*, em 1849. (Cf. SOUSA, 1960, t. II, p. 406-411 e p. 314-318)

⁵⁴ agradá-lo,] agradá-lo – em OCA2008.

oráculos falasse às turbas entusiasmadas e delirantes. Transplantar uma composição dramática francesa para a nossa língua,⁵⁵ é tarefa de que se incumbe qualquer bípede que entende de letra redonda. O que provém daí? O que se está vendo. A arte tornou-se uma indústria; e à parte⁵⁶ meia dúzia de tentativas bem-sucedidas sem dúvida, o nosso teatro é uma fábula, uma utopia.

Haverá remédio para a situação? Cremos que sim. Uma reforma dramática não é difícil neste caso. Há um meio fácil e engenhoso: recorra-se às operações políticas. A questão é de pura diplomacia; e um *golpe de estado* literário não é mais difícil que uma parcela de orçamento. Em termos claros, um tratado sobre direitos de representação reservados, com o apêndice de um imposto sobre traduções dramáticas, vem muito a pelo,⁵⁷ e convém perfeitamente às necessidades da situação.

Removido este⁵⁸ obstáculo, o teatro nacional será uma realidade? Respondemos afirmativamente. A sociedade, Deus louvado! é uma mina a explorar, é um mundo caprichoso, onde o talento pode descobrir, copiar, analisar, uma aluvião de tipos e caracteres de todas as categorias. Estudem-na: eis o que aconselhamos às vocações da época!

A escola moderna presta-se precisamente ao gosto da atualidade. *As Mulheres de Mármore – O mundo equívoco – A Dama das Camélias* – agradaram,⁵⁹ apesar de traduções. As tentativas do Snr. Alencar⁶⁰ tiveram um lisonjeiro sucesso. Que mais querem? A transformação literária e social foi exatamente compreendida pelo povo; e as antigas ideias, os cultos inveterados, vão caindo à proporção que a reforma se realiza. Qual é o homem de gosto que atura no século XIX uma *punhalada* insulsa *tragicamente*⁶¹ administrada, ou os trocadilhos sensaborões da antiga farsa?

Não divaguemos mais; a questão está toda neste⁶² ponto. Removidos os obstáculos que impedem a criação do teatro nacional, as vocações dramáticas devem

⁵⁵ língua,] língua – em OCA2008 e em MASA.

⁵⁶ à parte] a parte – em MAR.

⁵⁷ a pelo,] apelo, – em MAR.

⁵⁸ este] esse – em OCA2008.

⁵⁹ *As Mulheres de Mármore – O mundo equívoco – A Dama das Camélias* – agradaram,] *As mulheres de mármore, O mundo equívoco, A dama das camélias* agradaram, – em OCA2008; *As mulheres de mármore – O mundo equívoco – A dama das camélias* – agradaram, – em MASA. Sobre essas peças, as organizadoras de MASA informam em nota: “*As mulheres de mármore* (*Les filles de marbre*, 1853), de Théodore Barrière (Paris, 1823-idem, 1877) e Lambert Thiboust (1826-1867); *O mundo equívoco* (*Le demi-monde*, 1852) e *A dama das camélias* (*La dame aux camélias*, 1855), de Alexandre Dumas Filho (Paris, 1824-Marly-le-Roi, 1895), estrearam no Ginásio Dramático, no Rio de Janeiro, em 26 de outubro de 1855, 7 de fevereiro e 23 de março de 1856, respectivamente.” (AZEVEDO; DUSILEK; CALLIPO, 2013, p. 68)

⁶⁰ Snr. Alencar] sr. Alencar – em OCA2008; Sr. Alencar – em MASA. Até abril de 1858 (mês de publicação deste texto machadiano), já haviam sido levadas à cena as seguintes peças de José de Alencar (Mecejana, CE, 1829 – Rio de Janeiro, 1877): *O demônio familiar*; *Rio de Janeiro, verso e reverso*; e *O crédito* (todas de 1857). (Cf. SOUSA, 1960, t. II, p. 21-24)

⁶¹ *punhalada* insulsa *tragicamente*] *punhalada* insulsa *tragicamente* – em OCA2008.

⁶² neste] nesse – em OCA2008.

estudar a escola moderna. Se uma parte do povo está⁶³ ainda aferrada às antigas ideias, cumpre ao talento educá-la, chamá-la à esfera das ideias novas, das reformas, dos princípios dominantes. É assim que o teatro nascerá e viverá:⁶⁴ é assim que se há de construir um edifício de proporções tão colossais e de um futuro⁶⁵ tão grandioso.

MACHADO DE ASSIS⁶⁶

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

MAR – *A Marmota*.

MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, 2013.

OCA2008 – *Obra completa em quatro volumes*, 2008.

Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida. *História social da literatura portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

ASSIS, Machado de. O passado, o presente e o futuro da literatura. *A Marmota*, Rio de Janeiro, n. 941. p. 1-2, 9 abr. 1858.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/706914/per706914_1858_00941.pdf>.

ASSIS, Machado de. O passado, o presente e o futuro da literatura. *A Marmota*, Rio de Janeiro, n. 945. p. 1-2, 23 abr. 1858.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/706914/per706914_1858_00945.pdf>.

ASSIS, Machado de. *Obra completa, em quatro volumes*. LEITE, Aloizio; CECILIO, Ana Lima; JAHN, Heloisa (Org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.

AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro. (Org.) *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Unesp, 2013.

BIOGRAFIA dos brasileiros ilustres pelas ciências, letras, armas e virtudes. José Basílio da Gama. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, Rio de Janeiro, t. I, n. 1, p. 117-119, 1º trimestre de 1839.

BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898. v. IV.

⁶³ está] esté – em MAR.

⁶⁴ viverá:] viverá; – em OCA2008 e em MASA.

⁶⁵ de um futuro] de futuro – em MASA.

⁶⁶ Em MAR, este texto foi publicado em dois números. No primeiro deles, o nome do autor vem indicado assim: MACHADO DE ASSIS. No segundo número, a indicação vem assim: MACHADO D’ASSIS. Adotamos a primeira forma.

BLUTEAU, Raphael. Vocabulário português e latino. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/1>>.

CHATEAUBRIAND, M. de. *Essai sur la littérature anglaise et considérations sur le génie des hommes, des temps et des révolutions*. Tome I. Bruxelles: Louis Hauman, 1836.

GARRETT, Almeida. Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa. In: *Parnaso lusitano*. Paris: J. P. Aillaud, 1826. p. VII-LXVII.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MASSA, Jean-Michel. Dispersos de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.

PINTO, Nilton de Paiva. *O teatro de Machado de Assis 1860-1870: uma alternativa na dramaturgia brasileira*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2020. [Tese de doutorado] Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/46556>>.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1888. 2t.

SILVA, Antônio de Moraes. Epítome da gramática da língua portuguesa. In: *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Lacerdina, 1813. t. I, p. I-XLVIII. [Edição fac-similar de 1922]

SILVA, João Manuel Pereira da. *Parnaso brasileiro*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1843. t. I.

SOUSA, J. Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960. 2t.

TEIXEIRA, Ivan. Bibliografia ilustrada de *O Uruguay*. In: *Obras poéticas de Basílio da Gama*. Ensaio e edição crítica por Ivan Teixeira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. p. 123-168.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Academia Brasileira de Letras / Global, 2009.